

Quando os Selenitas Vieram para a Terra

Lucas Zanella

A raça humana só começou a mandar sinais de rádio para o espaço nos anos avançados da tecnologia, mas a Terra não passou a ficar conhecida nesses tempos apenas por causa disso. Na verdade, a primeira visita de extraterrestres aconteceu muito tempo antes dos sinais começarem a viajar pela Via Láctea e além.

Esta é a história de uma raça extinta, que extrapolou tudo o que seu planeta tinha para oferecer e então começou a buscar por recursos de outros planetas. Esta é a história dos Selenitas, o povo da Lua.

A raça humana apenas veio a realizar uma alunissagem no fim dos anos 60. Para o infortúnio dos Selenitas, eles já haviam desaparecido milhares de anos antes. A raça dos habitantes era tecnologicamente avançada, para a época. Uma viagem para a Lua nos anos 60 dava talvez um pouco mais de esforço do que uma viagem da Lua à Terra, realizada pelos Selenitas por volta de trezentos mil anos atrás.

Eles encontraram, é claro, os primos do Homo Sapiens atual, os Neandertais. Tal como o que ocorreu na raça humana, os Selenitas também foram incitados a realizarem a viagem para a Terra por um líder.

– Senhores... – falou o presidente para uma câmera, sua imagem era transmitida para televisões de todo o país, que

possuía um único idioma – Isso é algo que devemos fazer. Nossas fontes de nutrição estão escassas e se continuarmos dessa forma entraremos em processo de extinção. Um por um cairemos ao chão e não é isso o que quero para o meu povo. Somos unidos e determinados, creio que consigamos, até o fim da década, aterrissar uma espaçonave no Planeta Azul.

– É? E de onde vai desviar o dinheiro para esse luxo, meu caro Rodriguez? – uma mulher idosa gritou para a televisão.

– Vovó... – Estevan pôs a mão no rosto, cobrindo-o como se estivesse envergonhado.

– Deixe a mulher, garoto, ela não sabe mais o que diz! – o pai de Estevan e filho da mulher falou sem tirar os olhos da televisão.

– Sabe o que é pior? – a avó continuou – É bem possível que ele vai querer que o Estevan vá para o Planeta Azul.

– Vovó, eu não iria sozinho, teria pessoas me ajudando, assim como toda a central de operação aqui na Lua. Mas eu trabalho pra ele, se o presidente quiser que eu vá, não tem como não ir!

A avó não respondeu, apenas fez alguns sons de mastigação com a boca e continuou a encarar o aparelho que

continuava a transmitir a imagem do presidente. Estevan decidiu não continuar com a discussão e passou a acompanhar o discurso novamente.

O garoto era um dos astronautas em treinamento do presidente Rodriguez, mas nunca avançara para uma fase superior à que estava, a final. Era suspeito que a parada brusca no avanço do jovem promissor se dava por conta do fim do seu envolvimento com a filha do treinador. Na verdade, era certo que essa era a razão.

A casa da família de Estevan era simples. No primeiro andar ficava a cozinha e a sala de estar com a televisão e no segundo os quartos. O garoto vivia com a avó e o pai, sua mãe falecera dois anos antes de ele entrar para a academia dos astronautas selenitas.

A transmissão da notícia acabou pouco depois da meia-noite. O presidente aproveitou para pedir votos, como políticos sempre fazem quando seus mandatos começam a chegar ao fim. É nesse tempo em que grandes projetos começam a ser lançados. Mas mal sabia Estevan que o projeto já fora iniciado dez anos antes, e aquele era apenas um anúncio para algo já finalizado.

– Para a cabine do presidente, Hayden – um homem em posição ereta e de voz firme gritou para o garoto do outro lado

do hangar de testes.

O garoto o saudou e dirigiu-se ao local. Para seu dia de treinamento, usava um uniforme cáqui com seu sobrenome escrito numa faixa branca bordada no peito. Era pelo sobrenome que era chamado por todos, pois aquele nome “causava maior impacto”, como dissera o homem que avaliou qual seria o nome de guerra de Estevan.

O presidente estava sentado atrás de uma escrivaninha de madeira marrom e já falava com alguns outros astronautas. Estevan nunca vira tais astronautas na base antes, não eram de sua turma.

– Hayden, sente-se, por favor – o presidente gesticulou para a cadeira vazia em frente a mesa.

Estevan viu que os companheiros estavam em pé e não pretendiam se sentar, ele recusou com as mãos a oferta do acento, o presidente não fez caso disso.

– Pois bem – continuou. – Creio que lhes devo uma explicação sobre o porquê de terem sido chamados aqui. Ontem, como devem ter visto, fiz um pronunciamento sobre uma missão que estaríamos começando a desenvolver aqui na base.

– Sim, senhor – Estevan e os outros dois (um garoto e uma garota) responderam em uníssono.

– O que se passa é que a missão que foi dita que estaríamos começando na verdade já foi encerrada – os astronautas se entreolharam. – A primeira nave que suportaria a gravidade e condições do Planeta Azul e da viagem foi completada meses atrás, porém ainda não foi testada num ambiente onde estaria em seu extremo. No caso, na própria viagem.

– Então, senhor... – o garoto ao lado de Estevan, com um curto cabelo preto e mesmo uniforme começou a falar – O que o senhor estaria propondo seria uma viagem ao Planeta Azul para que saibamos se a nave construída irá resistir?

– Exatamente, Mathias.

– Mas, senhor, se ainda possuímos dez anos para testes, por que fazer isso logo depois do anúncio? E, além do mais, como faríamos para lançar uma espaçonave para o céu sem que os habitantes vissem? – A garota que perguntou vestia o mesmo uniforme cáqui dos outros, seu cabelo era louro e estava preso num rabo de cavalo, como todas as garotas da base precisavam prender.

– Simplesmente porque, se algo der errado, teremos os dez anos restantes para corrigir o erro. E nós fazemos decolagens com espaçonaves toda semana, os habitantes não estranhariam uma a mais.

A garota assentiu sem fazer mais perguntas.

– Vocês serão instruídos pelo treinador Herbert, creio que já estejam familiarizados com o sujeito. Estão suspensos por ora – ele começou a escrever numa folha.

Mesmo que o presidente não estivesse vendo, todos fizeram um aceno com a cabeça e saíram um atrás do outro.

O treinador apenas lhes mostrou a nave, grande e de aparência metálica. Ela tinha uma forma de disco com pequenos holofotes em sua circunferência, para alertar os habitantes de determinada terra que eles estavam chegando.

Por dentro, era comum, sendo parecida com qualquer outro tipo de nave. Dois bancos na frente, para o piloto e copiloto, e um atrás, para um assistente ou semelhante; alguém que faria o trabalho enquanto os dois não podiam. O banco do assistente possuía, em sua frente, uma pequena tela que mostrava diversos números que serviriam para que se tivesse exata precisão na aterrissagem e decolagem da nave.

O treinador Herbert olhou para o relógio.

– Vocês partirão em duas horas – afirmou.

– Duas horas apenas? – Estevan reclamou.

– Se eu fosse você, me despediria agora dos familiares, Hayden.

O garoto assentiu e foi o que fez, ligou para sua casa e deu adeus para o pai e a avó. Ele ouviu, ao fundo, a avó gritando que sabia que aquilo aconteceria. Todos foram para os seus armários e pegaram suas mochilas de viagem já preparadas, com algumas proteínas e equipamentos que poderiam ser necessários.

O presidente, em determinado momento, chamou apenas o piloto para sua sala e lhe deu algumas breves instruções. Passaram um bom tempo conversando, nenhum dos outros tripulantes sabia o quê, mas imaginava que fossem detalhes menores da viagem.

Uma hora e meia havia se passado e estavam em frente a nave, esperando para embarcar. Um homem pouco mais velho que o grupo se aproximou e entregou um crachá para cada um. O de Estevan dizia “assistente aeronáutico”, o de Mathias “piloto” e o da garota, Paloma, como o assistente vira escrito em seu peito, “copiloto”.

Embarcaram na nave às 22:30, sendo que o sol já não era mais visto no céu da Lua. O Planeta Azul flutuava ao longe com a ajuda da gravidade.

– Menos de quinhentos mil quilômetros – Paloma disse ao ajustar seu cinto de segurança. – Não deve demorar muito.

Todos se ajustavam em seus lugares e se preparavam

para a decolagem. Estevan apertou o botão e ligou a tela em frente ao seu banco. Aguardava o comando do presidente para que pudessem sair da Lua e ir para o planeta que lhes esperava.

Enquanto eles aguardavam, o presidente checava pela última vez o que acontecia na central de operações da missão. Todos os quarenta operários digitavam códigos no computador e queriam ter certeza de que tudo daria certo. Seria horrível a nave acabar explodindo no meio do caminho simplesmente por conta de um pequeno número errado logo no início do cálculo.

Rodriguez, com as mãos entrelaçadas atrás de si, andava pelo meio de todos os computadores e aguardava o chefe de operações dizer que estava tudo certo. O chefe observava todos os monitores, mas não andava pela sala. Observava tudo do fundo. À frente de todos, um grande painel de vidro que lhes permitia ver a espaçonave aguardando para ir ao Planeta Azul.

– Cinco – o presidente começou a contagem regressiva assim que o chefe de operações lhe deu sinal verde. – Quatro. Três. Dois. Um. E... Zero!

Ao fim da contagem, o operário mais próximo digitou um breve comando e a nave se ligou por completo, com todos os propulsores agora funcionando corretamente.

Demorou dois segundos exatos para que a nave

começasse a levitar no ar utilizando seu campo magnético, gerado por ela mesma para que permanecesse no ar. Quando a nave saísse da base, utilizaria os propulsores. Até lá, levitava utilizando os princípios contrários – ou engenharia reversa – do efeito descoberto na Terra por Meissner e Ochsenfeld.

– E lá vamos nós! – Mathias disse e gentilmente empurrou uma alavanca.

A nave deslizava sobre o solo da base. Todos observavam atentos, torcendo para que nada desse errado. O grupo alcançou o fim da base e o piloto pôs os propulsores para funcionar apertando um botão sobre sua cabeça, no teto da nave, que estava repleto de botões e alavancas complexas demais para que Estevan entendesse.

A base comemorava enquanto a espaçonave avançava no céu negro em direção ao Planeta Azul. Em poucos segundos Mathias acionaria o piloto automático e ficaria de olho aberto para que não batessem em nenhum asteroide ou cometa que entrasse em seus caminhos.

Demorou pouco mais de três dias para que começassem a ver melhor o Planeta Azul, e sua terra natal agora era apenas uma pequena bola branca quilômetros e quilômetros ao longe. Os prédios e a luz poluía muito a Lua, mas ainda era possível ver o quão bela era.

– Vocês dois, coloquem as roupas! – o piloto disse, se referindo às roupas espaciais que deveriam ajudar-lhes a andar na gravidade estranha do novo planeta.

– Sim, senhor! – Estevan disse para o piloto e foi para uma cabine que ficava no fundo da espaçonave.

Por conta de sua aparência redonda, a espaçonave era engraçada por dentro, os tripulantes se sentiam... num local diferente. E não era apenas a chegada ao novo planeta que lhes deixava assim.

A roupa espacial de Estevan, Mathias e Paloma era a mesma, porém todos prenderam seus crachás no peito, para o caso do novo planeta ser habitado e já estar evoluído. Na parte do abdômen havia diversos tubos que entravam num pequeno aparelho preso no meio do peito.

Nas costas, carregavam uma mochila que transportava o necessário para que todos pudessem respirar sem problemas. Para eles, seria difícil suportar o nível de nitrogênio e oxigênio na Terra e continuarem vivos. Havia também um grande tubo com parte transparente cobrindo suas cabeças, era para lá onde ia o Hélio-3 que respiravam.

– Atenção, tripulantes! – ouviram a voz do presidente, ela vinha de um pequeno tubo instalado na banca de controles.
– Vocês logo mais aterrissarão no solo azulado; sua missão é,

antes de tudo, certificar-se de que a nave permaneça em boas condições, e também procurar por qualquer sinal de vida azul.

Todos assentiram, sem falar nada de volta. Paloma e Estevan estavam parados diante da porta que desceria e formaria uma escada para que saíssem da nave. O piloto estava em pé diante da banca de controles e apertou o botão que faria a porta se abrir.

– Você quer fazer as honras? – Estevan perguntou para Mathias e gesticulou para a escada. Sua voz soava estranha por conta do equipamento que o impedia de falar para o ar, sua voz era transmitida para as outras roupas espaciais, mas a tecnologia era precária e ela soava metálica, até mesmo robótica.

– Tá maluco? Se houver habitantes assassinos no Azul, eu não quero acabar morto. Faça as honras, Hayden! – ele riu.

Estevan pôs a cabeça para fora e olhou para todos os lados, procurando por um sinal de vida hostil antes de descerem. Ao notar que estavam sozinhos num grande campo, pôs seu pé direito na escada e o outro logo o seguiu. Estevan foi o primeiro selenita a pisar em solo terráqueo. Paloma foi a segunda.

– Tudo em ordem – ela gritou do outro lado do exterior da nave, estava a circulando para saber se algo havia quebrado.

Os garotos agarraram seus capacetes e gemeram de dor.

– Não precisa gritar, Paloma! – Mathias disse. – Nós a ouvimos, lembra-se?

– Desculpa – ela disse e corou.

Estevan foi quem começou a pular no solo para ver como ele se comportava.

– É estranho – disse. – Não deixamos nenhuma marca significativa! E a gravidade daqui é absurda!

Na Lua, o solo é frágil, uma pegada deixava sua marca para sempre. Naquele planeta, tudo era novo e se comportava de maneira diferente, começando pela atmosfera.

Os cientistas selenitas diziam que seria impossível existir vida no Planeta Azul, pois a atmosfera azul não consiste em Hélio-3, o necessário para a vida. Os astronautas mais jovens e que se atreviam a contrariar os cientistas diziam que era sim possível haver vida no novo planeta. Afinal, na visão deles, os selenitas apenas respiravam o Hélio-3 porque havia abundância dele na atmosfera lunar.

Os azulados poderiam muito bem respirar nitrogênio, que havia em abundância na atmosfera, sendo que a vida lá começaria partindo do princípio que aquele era o ar que se respira. Para os leigos na ciência, a vida sempre “dá um jeito” de fazer a vida funcionar.

Os astronautas estavam acostumados com $1,6\text{m/s}^2$, e não com $9,8\text{m/s}^2$. A gravidade terrestre era, para eles, pesada demais. Tudo o que eles deixavam no ar caía ao chão rapidamente, o que quase resultou num medidor de pH quebrado. Todos estavam acostumados a apenas jogar algo no ar e ver aquilo lentamente pousar no chão.

– Cuidado! – Paloma repreendeu Mathias. – Esses equipamentos valem mais que a sua vida!

– Desculpe – ele disse.

Estevan não disse nada, apenas os observou enquanto arrumava as botas de sua roupa espacial, torcendo para que não começassem a brigar e a missão terminasse num desastre. Era sua primeira vez fora do planeta natal, queria aproveitar o momento.

– Eu acho que vi algo se mexer! – a garota apontou para o longe, logo após um grande lago e algumas árvores.

– O que foi? – Mathias logo pegou uma arma para o caso de haver algum ser hostil.

– Eu não sei, foi rápido. Acho que entrou naquela caverna!

– Hayden. Vá dar uma olhada! – o piloto jogou a arma para o céu e Estevan conseguiu a pegar antes que caísse no chão.

– Sim, senhor!

O garoto andou tomando cuidado onde pisava e olhando para os lados, em busca de qualquer sinal de vida. Checou se a arma estava carregada e voltou seus olhos para a caverna ainda ao longe.

O sol era o mesmo do seu planeta, mas aquele lá parecia ser mais quente, mais vivo. Estevan estava dentro de uma grande roupa espacial que o protegia, mas sentia o calor do sol em sua pele mesmo assim. Era uma sensação refrescante pisar no esquisito solo de outro planeta. Ele olhou para além das montanhas no horizonte e sentiu uma emoção inexplicável.

Seu peito parecia ser pequeno demais para guardar o coração cheio de felicidade. Percebeu que uma lágrima escorria pelo seu rosto, mas não pode a limpar, sua roupa o impedia. Ele estava num planeta ainda desconhecido e não poderia o sentir em suas mãos porque se retirasse a roupa morreria. Era uma sensação esquisita.

Se sentiu como se estivesse vendo um excelente filme na televisão: tudo era incrível, mas intocável. O que ele mais queria fazer era arrancar a luva de sua mão e pegar um punhado do pó marrom que havia no solo, sentir seu cheiro e textura. Queria botar a mão na água e bebê-la, para ver se era mais salgada ou mais doce. Mas não queria morrer, claro.

Ainda tinha muito para fazer, mais planetas para visitar. Portanto se controlou.

Atravessou o lago, passando pela sua direita, e bateu no tronco de uma árvore como se batesse à porta de um vizinho.

– O que você tá fazendo? – Paloma perguntou, estava ao seu lado, também segurando uma arma.

– Hã... eu não sei direito. O que você tá fazendo aqui?

– Bom... ele pode não ser o piloto mais brilhante do mundo, mas eu sei que não se deve mandar alguém investigar o local onde pode viver um ser hostil sozinho.

– Obrigado – ele disse e sorriu para a companheira.

Chegaram juntos em frente a caverna, olharam para o fundo dela e não viram nada além da escuridão da noite se escondendo do dia ensolarado. Estevan puxou a arma para mais perto de si e girou um pequeno tubo que havia na ponta, logo uma luz saiu de lá e começou a iluminar todo o local.

Paloma fez o mesmo logo depois, e entraram ao mesmo tempo, tendo certeza de que não seriam pegos de surpresa. O chão do local era coberto de terra, com algumas pequenas plantas aqui e lá, nada que fosse os impedir de andar pela grande caverna.

Não viram ninguém, o que foi bom a princípio, mas ambos sabiam que aquilo poderia acontecer a qualquer

momento. Se é que estavam certos e houvesse a possibilidade de haver vida no Planeta Azul.

Estevan ouvia o barulho de seus passos esmagando os grãos no chão e gostou de ouvir o som que parecia acariciar seu ouvido. Olhou para as paredes da caverna, por razões que nem mesmo ele entendia. Talvez apenas quisesse observar cada centímetro do local para ter certeza de que não sairiam deixando algo para trás.

Sua lanterna presa à arma correu pela parede de terra e pousou num desenho mal feito.

– Paloma, olha isso! – ele disse para a garota e ela se aproximou.

– É uma pintura – ela afirmou ao notar o desenho de um ser semelhante a eles. – Significa que não estamos sozinhos aqui, afinal.

O desenho mostrava um homem num canto, e um animal que os selenitas desconheciam noutro. Não viram nenhum sinal de vida previamente, mas aquilo era prova o suficiente.

– E tem por toda a parte! – Estevan continuou a falar ao notar mais desenhos em outra parte da caverna. – Eles são artistas! Hahah.

Estava excitado por ver os sinais da vida azul, mas não

a viram por si mesmos. Procuraram por toda a caverna, mas ela era imensa. Parecia até mesmo ter sido feita, esculpida, a mãos. Túneis e mini cavernas, como se fossem... quartos, talvez.

– Hayden! – Paloma o chamou baixinho, como se não quisesse incomodar.

Estevan a procurou pela caverna e se aproximou da moça quando a viu. Ela encarava um local mal iluminado e o garoto não conseguiu ver o que ela via, até que seus olhos se acostumaram com o escuro. Um ser talvez um pouco mais baixo que eles estava sentado no outro lado, roendo algo que poderia ser o osso de um animal ou a costela de um companheiro.

– Incrível! – sussurrou.

– O que a gente faz? – ela perguntou.

– Eu não sei... Ah... – ele apertou um botão no exterior do seu capacete, na área que protegia o pescoço. – Mathias, a gente encontrou um ser vivo, o que fazemos?

– Tragam para a nave! – ele ouviu a voz robótica dentro de seu uniforme.

Olhou para Paloma como se não entendesse o porquê daquilo, e sabia que ela também ouvira a voz dele.

– Pra que? – ela perguntou para o piloto.

– Para sabermos se ele pode se comunicar conosco – ele

respondeu.

Eles se entreolharam novamente, mas aceitaram, afinal, ele era seu piloto e fora encarregado de tomar conta da missão pelo próprio presidente. Se o homem com o poder de controlar o planeta inteiro confiava naquele piloto, deveria ter uma razão.

Paloma se aproximou do pequeno homem e nem tentou conversar. Com seus gestos, foi guiando-o até a saída da caverna. O homem não era baixo como Estevan havia pensado, ele era tão alto quanto eles, mas não andava ereto. Ele parecia um pouco corcunda e se agarrava em Paloma para que conseguisse andar na mesma velocidade que ela.

Cruzaram todo o campo até chegar na nave novamente, o homem olhava para os dois que lhe acompanhavam como se não entendesse para onde ia, e provavelmente realmente não entendia. Apenas ia porque era guiado, não tinha inteligência o suficiente para decidir as coisas por si só.

Ao se aproximarem da nave, a escada logo desceu e eles a subiram. O homem que traziam achava tudo estranho e incrível, isso era visto no brilho do seu olhar. Ele encarava o desconhecido e o achava impressionante, semelhante aos humanos atuais.

Aquela parte da nave fora preparada por Mathias,

Paloma sentou o homem numa maca e o piloto logo apareceu sem sua roupa espacial, pois fechara a porta e ela já não era mais necessária. Os outros dois retiraram as suas também.

– Olá, você! – Mathias disse e observou o olho do Neandertal que estava sentado à sua frente.

Estalou seus dedos na frente do homem e ele bufou, como se não reconhecesse aquele som e gesto. Parecia assustado.

– Eu acho que, se ele fala, não é a nossa língua! – observou Paloma.

– Isso é óbvio, Paloma! – Mathias disse.

O piloto deitou o homem na maca gentilmente, então prendeu suas mãos e pés com uma tira de couro que estava presa à maca. O Neandertal parecia resistir, se tornara agressivo, visto que percebeu que corria algum tipo de risco.

– Ei, o que você tá fazendo? – Estevan perguntou.

– Nós precisamos checar seus batimentos cardíacos, vocês podem pegar os equipamentos ali? – ele apontou para uma parte no interior da espaçonave.

Eles obedeceram seu piloto, foram até um pequeno quarto e procuraram por qualquer tipo de equipamento. Dentro de lá, havia algumas caixas marrom claras vazias, mas nenhum dos dois viu qualquer tipo de equipamento.

– Não tem nada aqui, Mathias! – informou o assistente.

– Essa é a ideia! – o piloto disse em frente a porta, então pôs a mão para dentro e a puxou, trancando-a logo em seguida.

– Ei! – Paloma gritou e correu até a porta de madeira.

– Desculpem, mas essas são as ordens do presidente.

– Que tipo de ordens são essas? – gritou Estevan.

– Nós vamos morrer, Hayden. Vamos morrer e precisamos de outro local para ficar. O presidente quer saber como são os seres aqui no Planeta Azul para que saibamos como derrotá-los e então tomar conta da terra deles. Desculpem-me, mas essa é a nossa realidade. Não há mais como vivermos lá na Lua.

– Mas... esse planeta já está habitado por seres que estão em processo de evolução, não podemos simplesmente matá-los e se apropriar de tudo o que possuem.

– Não podemos? Pois eu não vejo outra opção. Esse é o planeta mais próximo e pode ser que não tenhamos tempo o suficiente para que possamos construir uma espaçonave que nos leve para um desabitado.

– Quer dizer que a solução é matar? Que belo exemplo daremos para os habitantes do nosso planeta, não acha? – Paloma gritou e bateu na porta a fim de derrubá-la.

Mathias já não a ouvia mais, voltara para a sala

principal e agora se preparava para primeiro sedar o homem encontrado e então abri-lo. A instrução do presidente fora: “descubra tudo o que puder sobre quem quer que possa estar lá embaixo, e não deixe que os outros tripulantes lhe impeçam. Faça o necessário para que a missão seja um sucesso”.

O piloto planejava entender como o novo ser funcionava e então usar isso para a vantagem dos selenitas. Tudo o que acontecia era gravado para que um estudo pudesse ser feito posteriormente.

– Vamos lá, então! – ele disse apertando uma luva branca em sua mão.

Arrastou para perto da maca uma mesa de metal cheia de ferramentas cirúrgicas. O homem deitado ainda estava acordado, Mathias começara a procurar pela seringa para sedá-lo. O Neandertal gritava de susto e tentava se livrar das tiras de couro que o prendiam na maca.

No fundo da nave, Estevan tentava arrombar a porta que lhes impedia de ajudar o novo ser encontrado no Planeta Azul. Mathias pegou a seringa e a espetou na tampa de um pequeno frasco alaranjado. O líquido transparente foi enchendo o tubo até que não fosse sobrar nada.

Ele se aproximou do homem e agarrou seu rosto, querendo olhá-lo de maneira melhor, ver suas feições. Ele

apertava o Neandertal, e o homem não gostava disso. Virou a cabeça de um lado para o outro, tentando se livrar das mãos do selenita.

O piloto ouviu um grande barulho e virou-se de supetão, viu que Estevan conseguira o que tentava por minutos. O garoto se levantava do chão lentamente, havia caído ao conseguir arrombar a porta. Paloma surgiu logo atrás dele, e já corria na direção de Mathias.

Estevan percebeu que seu braço doía – com a adrenalina do momento, isso era até mesmo difícil. Havia quebrado o braço direito ao bater na parede e cair ao chão. Mathias agarrou uma pequena pistola preta com detalhes roxos que pousava sobre a mesa de metal.

Ele a apontou para Paloma, que parou na mesma hora. Estevan estava paralisado com a situação, tentava levantar-se, mas seu braço doía demais. Mesmo assim, ele não desistia.

Paloma usava sua roupa da base, cáqui e com seu nome escrito no peito. Mathias parecia um médico, vestindo uma espécie de jaleco branco e com suas luvas segurando a arma.

– Me desculpe – ele disse. – Mas eu fui encarregado de finalizar essa missão, não importa quem me interrompesse.

– Mathias! – Paloma disse e correu na direção do piloto, tentando se desviar da arma que ele ainda não movera de lugar.

O piloto apenas esperou mais um segundo, como se para se recuperar da situação e puxou o gatilho. Aquela arma era especializada para ser usada no Planeta Azul, pedida pelo próprio presidente para uma situação como aquela.

Paloma parou no meio do caminho e seu queixo caiu como se sua boca não pudesse mais ficar fechada. Pôs a mão na roupa e depois a observou, estava vermelha. Ao fundo, Estevan gritava e xingava Mathias, não sabia como lidar com a situação, não fora treinado para aquilo.

Mesmo que relutando e gritando de dor, levantou-se e correu até o piloto antes que pudesse recarregar a pistola. Ele a tirou de sua mão e jogou no chão, então o deu um empurrão com o ombro direito e ele caiu, esbarrando em alguns objetos que estavam atrás de si. Estevan gemeu de dor novamente, o braço direito era o que doía, agora ainda mais.

O assistente tentava remover as tiras do braço do Neandertal com apenas uma mão, ele deixava a outra imobilizada para ver se a dor diminuiria. Olhou para trás e viu que Mathias ainda estava no chão, havia batido a cabeça. Olhou para o lado e viu que Paloma agora estava caída, para nunca mais se levantar.

– Você não vai! – Mathias falou devagar, arrastou-se até a banca de controles e apertou um botão que fez com que a

nave começasse a levitar, o propulsor ainda não funcionava direito, demoraria um minuto até que realmente pudessem sair do Planeta Azul.

Estevan desatou as duas mãos do novo ser e partiu para liberar os pés, o homem batia com as mãos na maca como se pedisse para que o garoto se apressasse.

Retirou a de um pé e Mathias se levantara novamente. Estevan agarrou uma faca numa prateleira e partiu para cima do piloto, que se desviava como um mestre. O piloto fora treinado por todos da base na Lua, era tarefa impossível para Estevan conseguir vencê-lo.

Mas não desistia. A faca fez uma curva no ar e sua lâmina quase cortara o piloto, que deu um pulo para trás no último segundo. O assistente segurava a faca com sua mão esquerda, e ela não era sua mão de luta. Tentou novamente, dessa vez a espetou como que para perfurar o companheiro de viagem.

Mathias se desviou indo para a direita da faca, assim Estevan foi para sua frente e o piloto, atrás do garoto, agarrou seu braço direito e o apertou com força. Estevan gritou de dor e, atrás, o Neandertal tentava se livrar da tira que ainda prendia seu pé esquerdo.

Estevan, numa tentativa de se livrar de Mathias, jogou-

se para frente e caiu sobre a banca de controles, a porta da nave se abriu. Eles ainda tinham talvez alguns minutos de vida se a nave fosse os proteger do nitrogênio e oxigênio azul. Nenhum estava protegido para aquele ar, apenas o Neandertal que já vivia junto dele.

A faca havia caído no chão, os dois agora lutavam com suas próprias mãos. Mathias deu um soco no rosto de Estevan, que lhe retribuiu com um no estômago. O piloto afastou o assistente de si, ainda lhe segurando pelos braços, e, com seu joelho, golpeou seu tórax. O garoto caiu no chão e agarrou a faca.

Levantou-se como um tigre na busca pela presa, algo que no mesmo momento acontecia no planeta abaixo deles. Agarrou Mathias e, com a mão esquerda, cravou a faca em suas costas. O piloto gritou e o empurrou, Estevan bateu a cabeça na banca e caiu ao chão da nave, desacordado.

O Neandertal, com sua força, conseguiu livrar-se da tira que lhe prendia o pé e agora se afastava de Mathias, que marchava como a morte em sua direção.

– Tudo isso – falou pelo canto da boca, como se fervesse de raiva. – Foi por sua culpa, seu macaco de merda!

O piloto agarrou o homem pelo ombro e o levou para a frente da nave, eles encaravam o céu azul do Planeta Azul.

Estavam a talvez dez metros de altura, flutuavam sobre o campo verde e marrom do novo planeta.

Mathias o agarrou novamente, pondo-se atrás dele para que pudesse fazer aquilo de maneira melhor. Empurrou o homem macaco com as duas mãos e o Neandertal caiu da nave, partindo em queda livre ao duro chão do planeta onde vivera por toda a sua vida. Mathias, perdendo as forças, caiu de costas no chão, jogando a maca para o outro lado da nave com o seu peso. A faca ainda cravada em suas costas o penetrou ainda mais. A nave, no piloto automático, voltara para seu planeta de origem, sem que ninguém a pilotasse.

Foi assim que os selenitas entraram em extinção. A missão foi descoberta e o presidente preso, os tripulantes receberam um enterro digno e ninguém nunca mais falou sobre o assunto. O novo presidente da Lua sabia que seu mandato seria curto. Os selenitas morreram em menos de trinta anos depois, sem possuir mais recursos naturais. Os prédios e casas desapareceram com os milênios e, quando os humanos chegaram lá, já não havia mais nada.

O Neandertal que caíra da nave sobrevivera, e depois, com o tempo, começaram os híbridos, Neandertais e Homo Sapiens, até que se deu origem ao Homem atual. E é por isso que, até os dias atuais, algumas vezes, enquanto estamos

deitados em nossas camas, sonhamos que caímos de locais altos, porque essa é uma memória que apenas os descendentes daquele mesmo Neandertal possuem, passada de geração em geração, até que chegasse até nós. Essa é a explicação de como a queda da nave atuou no subconsciente do novo ser, e continua atuando no nosso.

Trabalho semestral avaliativo para a matéria de Análise do Subconsciente, lecionada pelo professor Lewig Freud. Os relatos aqui descritos foram analisados a partir de filmagens da missão, gravadas tanto no interior quanto no exterior da nave, com cada capacete possuindo uma microcâmera, assim como a partir de documentários gravados pela família das vítimas. As filmagens foram encontradas na última expedição para a Lua e estão disponíveis no domínio público.

Escrito por Chloe Clarkson.

Estação Brasileira de Júpiter, Novembro de 2837.